

EM NOME DA PULSÃO DE VIDA
80 tiros num país cheio de enganos. Chega de barbárie.

DÉBORAH DE PAULA SOUZA¹

É com imensa preocupação que acompanhamos a avalanche de acontecimentos mortíferos no país - que culminaram, recentemente, com o exército fuzilando o carro de uma família a caminho de um chá de bebê. O pai da família foi morto na frente de seu filho pequeno e de sua mulher, que declarou publicamente que os soldados debocharam dela e de seu desespero.

Foram “80 tiros por engano”. O ministro da justiça - o mesmo que apresentou um pacote anticrime eticamente questionável, deixando brechas para que agentes do estado continuem matando “sob forte emoção” - demorou a se pronunciar e, quando o fez, declarou que tragédias como essa “podem acontecer”. Não podem! Nenhum tiro pode acontecer por engano. 80 tiros, fuzilamento, o que é isso? Ninguém em sã consciência pode se calar diante de tamanho horror.

É necessária urgência na revisão dos verdadeiros enganos do país e de todas as circunstâncias que atualmente favorecem o assassinato de cidadãos por agentes do Estado que deveriam protegê-los.

Enquanto o símbolo *Marielle*, deputada do PSOL - assassinada covardemente com quatro tiros na cabeça, ao lado de seu motorista -, revela-se um poderoso aglutinador de forças nacionais e internacionais na luta pelos direitos humanos, o país assiste, atônito, novos assassinatos em série: da população preta da periferia, de indígenas em luta pela terra, de ativistas de direitos humanos. Confrontos que comprovam que entramos numa escalada de morte e barbárie, onde crimes não são investigados e punidos na proporção avassaladora em que são cometidos e repetidos.

O fuzil não é a única arma no país em que se mata também com avalanches de lama. Em janeiro de 2019, a tragédia de Brumadinho (uma repetição, em proporções mais brutais, do desastre de Mariana), identificou mais de 220 mortos (cerca de 70 continuam desaparecidos). Não foi um acidente e não houve uma resposta à altura da tragédia, os trâmites para identificar e punir responsáveis seguem tortuosos caminhos judiciais - a vida e a morte tornaram-se refém dos discursos empolados de advogados. Discursos que são feitos para serem incompreensíveis para quem chora e enterra os seus queridos, de modo a salvaguardar o patrimônio das empresas responsáveis. Na lógica neoliberal, o que se vê são empresas gastando muito para não pagar nada. Gastando muito porque o negócio da devastação compensa, seja em Minas Gerais, no cerrado, na Amazônia e noutros santuários do país em risco de morte.

A ideia perversa de que sempre “cabe recurso” ultrapassa o entendimento de que cada vida é preciosa e que cuidar da vida é princípio fundamental - quando esse princípio não é observado, valores como justiça e solidariedade

se perdem, o tecido social é rasgado de modo irreversível. Hoje, assistimos petrificados os fuzilamentos, a morte de seres humanos, de animais, de rios, de grandes extensões de florestas, de plantações pulverizadas com agrotóxicos proibidos em outros países - sem contar as políticas exterminadoras que ameaçam o SUS, os direitos do trabalhador, a previdência, a educação e a cultura. O cerco se fecha em torno da população, a insegurança e o medo se disseminam, a pobreza e o desamparo também.

O velho Freud, fundador da psicanálise, definiu alguns critérios: na vida, o que importa é poder amar e trabalhar. Mas como fazer isso no Brasil de hoje, onde o velório não acaba nunca? Se a vida não vale mais nada, o que é que vale? Não é preciso elencar aqui os detalhes da mortandade, eles estão em todas as manchetes, camuflados tantas vezes por *tweets* presidenciais e discursos de ministros que sequer valem a pena ser citados, tamanha ignorância e despreparo demonstrados. Mas a incompetência não é um acaso - ela mascara a grande competência que o governo tem de servir. A quem? A que patronato e interesses? A serviço da população é que não está.

A essa altura, não há mais confiança na representação, pois os representantes se elegeram em pleno golpe midiático-judicial que derrubou uma presidente legitimamente eleita - numa noite deplorável em que o atual presidente da nação elogiou publicamente um bárbaro torturador em pleno Congresso. E não foi expulso do Congresso! Pelo contrário, protagonizou uma campanha presidencial fazendo o sinal de “arminha” e prometendo fuzilar a oposição. O que fazer de agora em diante? Essa não é uma questão apenas para os partidos de oposição em Brasília. É uma questão vital para todos, para o Brasil e toda a população.

A favor da vida e da representação legítima

Nesse momento, em que a quebra da representação governamental é tão gritante, entendemos que é hora de intensificar outro tipo de representação legítima. Assim, pedimos que todas as instituições, universidades, escolas, sindicatos, organizações profissionais e coletivos de todas as áreas se manifestem publicamente contra a matança, contra a impunidade e o arbítrio, usando todos os dispositivos possíveis e favorecendo a integração entre os movimentos que já se articulam no Brasil, mas precisam crescer e se organizar mais para fazer valer os direitos de vida e cidadania.

Nossa posição é veementemente a favor da vida, da cultura como signo de civilização que nos protege da barbárie e do restabelecimento da democracia no país. Não somos nem seremos ameaçados por discursos travestidos de “legalidade judicial”. Não somos reféns do governo, somos cidadãos e cidadãs livres em luta permanente por direitos humanos. Direitos vitais.

¹ Jornalista e psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, colaboradora do jornal digital *Boletim Online* deste Departamento.